OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

EDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GALATO \* PACO DE SOUSA PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA 🖈 DIRECTOR E EDITOR PADRI CAR



Há quinze dias publicámos foto da casa. Hoje do jardim que a circunda.

### OBRA DA RUA

# em MOÇAMBIQUE

Ainda não saíu o último jornal, quando escrevo esta notícia. Ainda, pois, nos não chegaram ecos do sentir da Família de fora, especialmente dos moçambicanos, à boa-nova revelada há quinse dias. Mas tenho a certeza de que eles não faltarão. E como hão-de ser ecos de amor, de amor em obras (que só de palavras o amor é vão!), eis-nos a dar-lhes o tom.

Eu creio que nunca contei aqui de como veio às nossas mãos a quinta de S. Tiago, ao Km 15 de Lourenço Marques, na estrada do norte.

Foi no Janeiro de 65. A carta dizia-nos de um antigo desejo de dar à Obra algo de substancial, para o que chegara a hora de satisfação. Sabendo que não açeitamos heranças, a Esposa convenceu o Esposo e ambos decidiram pôr imediatamente à

nossa disposição aquela propriedade de 55 hectares ali à beira de Lourenço Marques. Embora pensando que seria para Moçambique o próximo passo fora do berço, não supúnhamos ser já a ocasião dele. Por isso respondi, de forma muito desinteressada, que quintas não nos faltariam quando fôsse o tempo de dobrarmos o Cabo da Boa Esperança. Tinha razão para ficar melindrado aquele casal. E ficaria, se mais forte que o amor-próprio não fôsse o amor sincero com que nos quer. Daí que o correio trouxe na volta outra carta: «Que não senhor, que a quinta havia de ser para nós — e havia mesmo!; senão agora, quando pudesse ser; e que ficavam esperando que a fôssemos ver».

Eu ia às Casas de Angola o verão seguinte. De lá sempre é um pulo!... Fui. Vi. E compreendemos que talvez esta oferta, tão espontânea, tão veemente, tão discreta da parte dos doadores, quanto não buscada nem querida por nós, fôsse um sinal do Céu a dizer que a ĥora da Obra da Rua em Moçambique se aproximava.

Vamos começar como nunca, numa pequenina casa, sim, mas airosa e provida do que é necessário ao grupo fundador. Não estamos habituados a tanto. Temos sido sempre herdeiros de ruínas. Deus permita que o bem--estar desta primeira instalação

Continua na TERCEIRA pág.

### Filhos ilegítimos?

«Uns comem os figos... A outros rebenta a boca...»

Assim diz o nosso Povo. E a lei parece confirmar a legenda, deixando impune o único culpado e defendendo tão ardorosamente os direitos de intocabilidade da Família legítima à custa dos frutos inocentes da ilegitimidade, sobre quem pesam todas as consequências infelizes do seu nascimento.

Continuando o seu pensamento sobre o que seria na hipótese do «reconhecimento aos filhos ilegítimos de direitos e obrigações semelhantes aos dos membros da família», escreve o Autor: «...no campo das sucessões, por exemplo, poderia ter

grande importância o regime de aquisição da herança, a possibilidade de exigir bens desta em espécie, de intervir em inventários e neles licitar e partilhar bens, e outros aspectos semelhantes em que, tantas vezes, a solidez e a intimidade da família são comprometidas pelo desvio, para estranhos, de bens em que se materializavam as suas tradições e eram esteio da sua organização».

Eu tenho pena que logo o exemplo escolhido incida sobre um tema tão material como a «aquisição da herança». Ele há outras razões pelas quais lutamos em favor de mais semelhança nos direitos e obrigações entre aqueles que têm, de si mesmos, igual mérito a respeito do seu nascimento. E estas razões apreendemo-las da vida, da vida de convivência com os nossos rapazes, que nos levam a gastar tempo e dinheiro por amor de um nome que apague o opróbio do incógnito escrito no seu registo de nascimento.

Foi assim um dia da semana passada. Ele vai casar e deseja conparecer no grande acto

Continua na QUARTA página

SBO

colunas um apelo a todos os Amigos da Obra o Mundo cheio! em ordem à obtenção de recursos para a construção de uma Aldeia na nossa quinta do Tojal, nos moldes daquela que Pai Américo levou a cabo em Paço de Sousa. Se os resultados verificados estão longe de ser desanimadores, nem por isso deixam de ficar muito aquem do que seria de esperar, sobretudo em relação às possibilidades da Capital e arredores, onde o recrutamento dos nossos Rapazes se faz em particular.

Uma visita recente à Casa Mãe da Obra, cada vez mais bela, onde sentimos de um modo especial o influxo do espírito de Pai Américo, faz-nos renovar o apelo atrás referido, conscientes de que é preciso avivar a necessidade de possuirmos nos arredores de Lisboa uma Casa do Gaiato digna desse nome, em que as condições materiais facultem a possibilidade de acorrermos aos inúmeros chamamentos feitos de todos os lados e por todas as vias. Não basta lamentarmos a situação de muitos jovens; é preciso expressarmos em actos de desprendimento e de renúncia o nosso amor

Faz agora um ano que lançámos nestas pelos que sofrem. Farto de lamentações está

Vamos começar dentro de dias com os caboucos das novas oficinas, obra que irá além dos oitocentos ou mesmo do milhar de contos, a avaliar pelo custo das construções já feitas. Não temos em caixa um tostão, mas não duvidamos de que elas serão, mais tarde ou mais cedo, uma realidade viva, a atestar que Deus não dorme, embora isso exija de cada um sacrifício e algumas dores de cabeça. Cimento, tijolos, areia, pedra, ferro e toda a espécie de materiais são indispensáveis; mas sem actos interiores de amor eles não serão possíveis, por muitos milhares que se possuam ou esbanjem por esse globo fora.

Não nos dirigimos aos egoistas, aos bem instalados, àqueles que só olham aos seus interesses e apenas procuram acumular cada vez mais. Dirigimo-nos aos pobres em espírito, que são bem-aventurados no Evangelho e para quem é o Reino dos Céus. Com estes contamos, quer tenham poucas ou muitas possibilidades

- CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA -



A fonte da nossa água em Lourenço Marques.

# PELAS CASAS DO GAJATO?

#### MIRANDA DO CORVO

Antes de começar a escrever esta pequena crónica, quis eu informar--me melhor do que se passava. Para isso fui dar uma ligeira volta.

A serralharia que fica mais à mão foi a primeira paragem. Um pouco atarefados os serralheiros despacham encomendas e recebem pedidos para outras. Uns, agarram-se às grades, outros ao malho e rebarbadora. E ainda outros fazem rede e limam.

Logo a seguir a carpintaria, também com algumas encomendas para aviar.

E é em todo este vai-vem de encomendas que se espelha a alegria dos rapazes da oficina.

Depois, desci pelas escadas. E na estrada um grupo de dois pedreiros faz um muro para segurar o morro de terra que ali está. Aqui, igualmente a alegria, está no suor.

Olhei mais. Em volta, tudo é verdejante. O milho, o feijão, as aboboreiras etc. e as árvores de fruto carregadas dão-nos uma aparência do Paraíso terrestre onde Deus colocou os primeiros homens. Tudo é encantamento, beleza e alegria.

Os mais pequenitos, cada um com a sua latinha na mão, correm a levar a água às flores secas e mur-

Os outros, estão na praia. Gozam de al egria o esforço feito durante o ano. Faltam ir apenas os das oficinas e os da venda do Gaiato. Eles vão já no sábado.

- - -

ESCOLA - Todos os que foram a exame da 4.º classe ficaram aprovados. Os do Liceu também se portaram bem. Na Escola Industrial, houve também bons resultados. Eu e o Zé no Seminário também bonzitos. Em suma, a maior parte ficou bem.

PINTOS - Temos cá perto de 430 pintainhos que nos deram. Eles têm apenas 4 semanas. Vieram com 1 dia e agora estão lindos e belos. Já nos morreram alguns, mas julgamos não morrerem mais.

- -

NO PASSADO DOMINGO dia 23. uniram-se matrimonialmente na nossa capela o João e a Glória. Que sejam felizes e que prosperem para a vida, com a alma alegre.

Henrique Carvalho

#### SETUBAL

A inauguração das nossas oficinas foi um dia em cheio. Foi no dia 16 de Julho, aniversário de Pai Américo.

Os nossos amigos estiveram presentes, Snr. Governador Civil e Senr. Presidente da Câmara também não faltaram, por via da amizade que têm por nós. Pai Américo diz que conta com os homens bons da

Nós trabalhamos por amor aos seus filhos, e os seus representantes vão sentindo o quê e o porquê do seu governo.

Estamos em Setúbal há já doze anos, e ele há tanta gente que ignora o nosso viver, que às vezes sen-mos o vasio da cidade. Nós queremos ser uma lareira sempre acesa, com condições de acolher em positivo os rapazes que precisam de

Eles não precisam unicamente de matar a fome. A sociedade precisa deles com qualidades que os valorizem. Por isso inauguramos as nossas oficinas, e procuramos que cada um se valorize para enfrentar essa sociedade.

Hoje ficámos abismados por vermos o que está feito, e dizemos como me disse no dia da inauguração aquela autoridade Civil: «É preciso uma grande fé». É o segredo da nossa Obra, sim, senhor Comandante.

Ora, nós inauguramos uma tipografia, e uma encadernação, onde já temos o indispensável para os movimentar. A carpintaria, apetrechada já com as máquinas que compramos com o dinheiro daquele Cozinheiro de bordo, que quiz pôr a render, as suas economias. A serralharia, está à espera que nos digas onde e como havemos de ir buscar máquinas e ferramentas.

Nós precisamos, não queremos. É o rapaz que sai da instrução primária, que exige um ofício. É preciso dar-lho já, por via do gosto adquirido por eles.

Eles são a razão do ser das oficinas inauguradas. Se soubesses e quizesses ver esta grandeza não estaria longe a salvação dos que vês escorraçados, e a tua também. Eles, antes lixo das ruas, pedem e escolhem o ofício de que mais gostam. Os dons de cada um são respeitados, e procura-se que cada rapaz tire proveito dos dons que

Noutro dia, veio ter connosco um rapaz saído duma colónia penal. Veio por protecção e por cunha

para emprego.

— O que és?

— Tenho que

Tenho que ir para servente, porque não tenho oficio.

Isto foi dito quando estávaúltimos preparativos mos nos da inauguração.

Eram seis horas da tarde. Os pedreiros, carpinteiros e tipógrafos largavam os seus trabalhos. Enquanto fechava as portas das nossas oficinas, virei-me pró Senhor, e mostrei-LHE as nossas oficinas para serem protecção àquela quei-xa, e esteio à SUA JUSTIÇA.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência

### da Nossa Aldeia

No domingo passado, como é costume, visitámos os Pobres. E demorámos um pouco mais em casa de um homem cuia doenca quebra materialmente uma posição que dava ao seu lar certo bem estar.

Ele estava na cama. Mal nos ouviu, porém, saltou do colchão e veio à porta, sorrindo. O sorriso dos Pobres é rebuçado que nos dá Força para compreender melhor as dificuldades de outros que choram, ralham e desesperam...

Sentámo-nos na soleira, à sombra da ramada. O dia queimava. Era um sol abrasador!

Os filhos dele juntaram-se aos meus. Brincaram. Uma festa de crianças, enquanto a gente falava!

-Sabe, apesar de estar assim, não posso deixar de trabalhar, de fazer alguma coisa!...

Deixámos o homem abrir-se. Não levantámos problemas. Em determinada altura, porém, fize-mos uma recomendaçãozinha trabalhos leves; que tivesse cui-

— De manhã ainda pego numas pedras. Mas, quando o sol aquece largo tudo. E sento-me. Acompanho a obra... Eu não posso deixar de trabalhar!...

Olhou prós filhos, junto aos meus. Fez uma pausa. E apontou: «Somos um rancho!...»

Este homem, estruturalmente bom, é um herói! O sorriso, a Fé que o abrasa, enche-nos a alma.

Um dos pequenos, entretanto, sentou-se ao lado do pai. Encostou a cabecita e adormeceu. A mãe deu fé. Pegou na criança e foi prá cama.

Ele continuou a desfiar o rosário, naturalmente. A família, disse, tam-bém o ajuda. É mercearia, roupas; enfim, ajuda-o. Nós já sabiamos que era assim. Mas ele, notámos perfeitamente, não se sente bem. Não quere estar dependente. Quer viver pelo seu trabalho. É compreensivel.

Antes da despedida tornámos a recomendar cuidado.

- Descanse! Vou só fazer por acompanhar a obra...

Foi uma hora cheia, a daquele domingo cálido de Agosto!

O OUE RECEBEMOS - Abre João da Madeira com 50\$00. Mais 60\$00 do Porto, 2.º semestre das cotas do assinante 18223. Mais 20\$00 da assinante 28053 que pede «uma Avé Maria por uma intenção particular». Mais 50\$00 de uma senhora, muito amiga, da Murtosa, «por alma do nosso sempre muito relembrado Pai Américo» Que legenda de Amizade! E como Pai Américo fica tão contente lá no Céu! Mais um pacote de roupas da assinante 17740. Que ricas peças de vestuário — tão próprias para o meio rural! Mais 40\$00, os os costumados 40\$00, da assinante 17022. Finalmente são mais 100\$00 de Guimarães, «para que Deus abençoe as viagens de um casal de emigrantes». E é tudo. Para to-dos, em nome dos nossos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



#### TOJAL

Caros amigos leitores, em cada ano que passa é-nos possível admirar a maravilha e a singeleza da nossa futura aldeia que cresce, em beleza e em desenvolvimento, com um passo bem firme através destes anos que passam.

Com um esforço compreensivel, os nossos rapazes têm trabalhado para este desenvolvimento que nos surge diante dos nossos olhos no nosso dia a dia. A missão de cada um de nós gaiatos, é ajudar seja de que maneira for, a Obra que nos ampara desde a nossa infância até à maioridade. E essa maneira de ajudar é trabalhando com vontade e perseverança numa visão de bem-estar e tranquilidade.

Aniversário — Foi no passado dia 4 de Agosto que o Sr. P.e Luís fez 4 anos que foi ordenado sacerdote. Foram quatro anos que pas-saram de trabalho intenso e prós-

Por isso aqui ficam os nossos parabéns e que Deus ilumine o seu sacerdócio, são os nossos desejos.

Visitas — Todas as pessoas que nos visitam ficam admiradas com tanta beleza que os azulejos de arte antiga mantêm durante estes séculos passados e futuros, cheios ficados antepassados souberam gloriar durante o seu historial.

Lavoura - Estamos no tempo em que o calor é muitas vezes quase insuportável não nos deixando trabalhar em perfeitas condições neste ramo de trabalho. Os meses passados foram de certo modo bem escalonados dentro de nossa casa, com um aproveitamento mais ou menos bom.

Em primeiro lugar tivemos a ceifa do feno que se encontrava no nosso olival e em mais terrenos e a seguir veio a colheita da batata que este ano por graça de Deus nos deu bastante produto-

Pintos — Há já algum tempo que alguns amigos e benfeitores do Aviário do Montijo nos deram a

primeira remessa de pintos, que são nada mais nada menos do que dois mil dos já referidos galináceos. Pois aqui vão os nossos agrade-

cimentos a esses tão grandes ben-

feitores. O nosso muito obrigado. Por hoje nada mais tenho a acres-

centar, senão despedir-me de todos os nossos leitores desejando-lhes muitas felicidades pela vida de cada um fora.

Joaquim Martins



#### BENGUELA

Estimados leitores. Mais uma vez a voz de Benguela vos saúda com profunda amizade.

OFICINAS - As nossas oficinas têm trabalhado com grande entusiasmo: é a nossa Serralharia que tem o João como fermento da massa, constituída por um gru-pinho de rapazes nossos. Esta mesma oficina ultimamente tem andado atarefada devido à construção das camas e das mesas para a nossa «Casa-Mãe». A nossa Carpintaria também: uns a fazer portas, outros janelas, tacos, etc.. Enfim, tudo isto é trabalho, tudo isto é o lema de uma Casa do Gaiato.

SANTA MISSA — A nossa Missa Dominical tem sido ultimamente muito vivida e isto torna-se para nós Gaiatos uma grande alegria. São pessoas vizinhas que já têm o horário da Sta. Missa tão bem metido no interior dos seus corações, a qual os obriga a apressar os seus afazeres caseiros para estarem a tempo à Sta. Missa. amigos nossos que vêm da cidade para participar na Missa dos Gaiatos. A Missa não tem valores separados. Ela tem sempre o mesmo valor. Tanto é Missa numa grande Catedral, como também é Missa numa pequena Capelinha, feita de capim como em muitas terras de Africa. A nossa Capelinha é pequena e singela e, esta mesma singeleza convida os senhores às 7.30 horas dos Domingos a tomarem parte na nossa Santa Missa.

BATATAS — Este ano calculamos ter muita batata. Já gastámos bastantes contos em «Amónio» para ser deitado nos nossos batatais. Vamos lá ver se somos recompensados na colheita. Oxalá que sim.

Por hoje nada mais. Adeus até à próxima vez.

António Augusto P. de Almeida

#### Paço de Sousa

Hoje, quero expressar nesta coluna um dos encantos da nossa malta.

De há uns meses que está connosco, uma cadela, a quem pusemos o nome de Lassie. Foi-nos dada por uns amigos que iam de abalada ao estrangeiro e não queriam deixá-la «ao Deus dará» e assim vieram oferecê-la.

Na altura encontrava-se um pouco magrita, mas, Renato com seu carinho e boa-vontade, levou-a ao ponto de pesar uns 50k. Mas o maior encanto que ela nos deu foi à pouco ao dar há luz uma ninhada de 6, 3 femeas e 3 machos que encantada ficou toda a freguesia. tudo numa cobiça lisongeia; «Quem me dera um!» Mas diz o Renato: «vou guardá-los e quando for para Moçambique vou levar o mais espertinho!» Pois como cada um também os filhos da nossa Lassie fazem parte da comunidade.

E já que estou a falar em Moçambique, quero lembrar a todos os nossos amigos, que nos dêem a mão para melhor erguermos esta, mais novinha flor que vai desabrochar, esta casa que vai nascer, num coração vivo que é o da nossa Africa. Por isso a todos os que de cá e lá se sentem nossos alegrem-se connosco e ajudem-nos para melhor alicercarmos os pilares que hão-de formar esta nova casa.

Estamos já em vesperas de partida, e para se levar alguma coisa precisamos de malas. Depois, lá, o Snr. Padre José Maria precisa de uma máquina fotográfica para enenviar algumas perspectivas da casa etc, etc, uma imensidão de coisas que nem vale mencionar e que todos: vós já sabeis. Por isso não se esqueçam. De todo o coração gratos.

José Ferreira



### AZURARA

Iluminado pelos derradeiros raios solares, que pareciam fazer explodir o oceano e refrescado por uma suave brisa, encontrava-me eu sentado na varanda da nossa linda casa meditando as palavras

que havia de dizer nesta crónica. Estimados leitores, mais um turno acabou de passar as suas férias: o segundo. Tivemos duas auxiliares às quais ficamos muito gratos, pois passaram as suas férias trabalhando junto de nós, coisa que segundo nos disseram, faziam com o maior agrado, pois para elas férias é mudar de actividade.

Quanto aos rapazes, estiveram os batatinhas e uns tantos maiorzinhos para auxiliarem as generosas senhoras na lida da casa.

Os primeiros lá andavam, coitados, todos contentes com o pouco que tinham, pois divertiam-se a fazer pocinhas na areia, visto não terem brinquedos que eles tanto ambicionavam para que pudessem brincar como os outros meninos.

Aniversário - Tivemos festa no dia em que um dos rapazes festejou o seu aniversário.

As senhoras, sempre gentis, fizeram os preparativos.

Mas jantou-se muito tarde, ou melhor reou-se, pois quando começámos já eram dez horas da

Foi um espanto quando se entrou no refeitório. Mesas ao contrário dos outros dias, cheías de bolos, um dos quais com velinhas; as paredes com uns quadros muito bonitos e sobre a mesa do festejado uns caquinhos de barro com umas palavrinhas escritas. Foi uma verdadeira festa.

Pena foi, que no último dia as coisas não corressem pelo melhor. Adeus e passem umas belas férias. É o que deseja, o

Alvaro Henriques



# AND ESCOLAR

Felizmente, não houve grandes tristezas cá no norte com o ano lectivo que acaba de terminar, pois quase todos corresponderam e isso contribui para que não houvesse dores de cabeça em ninguém.

Tanto a escola primária como a secundária tiveram ambas razoáveis resultados. A quarta classe ora por que fosse bem aplicada, ora pelo seu professor, homem de muita consideração de todos nós, conseguiu excelente exibição, pois todos quantos assistiram às provas, sairam da sala a comentar: «Os raios dos Gaiatos percebem disto!...» E isso foi também uma prova de consolação para todos nós.

No Ensino Técnico, os resultados foram agradáveis e todos ficaram satisfeitos com o que conseguiram pelo esforço dispendido durante o ano.

Na Escola Industrial Infante D .Henrique, andaram sòmente dois e também não há que desanimar, apesar do falhanço de um deles, que não tem razão de não ter passado, pois no emprego que tinha, o tempo não lhe era escasso para estudar.

O outro esse sim, pois com vontade consegue-se tudo e ele conseguiu. E vejam que havia de ser logo um angolano, um daqueles três irmãos que os nossos leitores conhecem, o qual fazia todos os dias duas viagens de comboio de Cete ao Porto e reciprocamente.

Dos dois que trazemos no Liceu também tenho a dizer que ambos passaram mas não como se esperava deles, pois um reprovou a uma disciplina e contámos que não ficará isento de propinas.

Dos que andam no Colégio João de Deus, de que também sou aluno, correspondemos

Neste estabelecimento de ensino e educação que tão bem nos acolhe e onde tantos dos nossos rapazes têm conseguido melhorar as condições de vida, esteve este ano um dos nossos que não correspondeu.

Este rapaz, idóneo para o estudo, rejeitou assim a oportunidade de singrar na vida.

E havia eu de terminar este artigo com uma notícia tão triste ao contrário daquilo que disse ao principiá-lo!...

E a acabar só desejo que os nossos leitores estudantes tivessem tido melhores êxitos do que os nossos nos seus exames.

Alvaro Henriques

Vim habitar na «casa da mata», onde a simplicidade de Pai Américo vive. A minha prole é feliz neste recanto. Eu também. Volta e meia, vêm ter aqui alguns rapazes. Hoje foi o «Iscas». Vinha a rilhar um pêssego, e com mais deles nos bolsos. Inquiri do achado.

- Fui ali às árvores. Esta naturalidade fez-me pensar e levou-me ao amor da Família. Não ralhei. «Fui ali às árvores»! Fiquei desarmado com esta frase. Se fosse polícia, havia de ralhar e não sei que mais. Aquela resposta deu--me a noção de posse deles. Não ralhei mas colhi amor dando do que tinha. Só pude dizer que a fruta era de todos e para todos. A lição ficou. Soube-me bem ver saborear os pêssegos que o «Iscas» trazia. Obrigado Senhor porque sou irmão e não polícia.

 $x \times x$ 

Batatas, batatinhas e batatões. Eu ando a par da colheita da batata.

Tu que só vens ao domingo, não vês nem podes sentir o viver dos nossos rapazes. Cada um come o pão com o suor!

Há dias, o nosso Rogério de Setúbal teve esta frase: «Isto é um mundo de sonho!» Ele passou pró 7.º do liceu, e sabe onde a maravilha dos poetas.

Vem à semana e visita-nos: Aqui a Tipografia, ali a carpintaria, mai-la serralharia. Um a varrer as ruas e acarretar lenha pró forno e pró fo-



gão. Este cuida das aves, aqueles dos bois e das vacas, outros dos porcos. Este passa a ferro a roupa que outros vestem. Há deles nesta e naquela obrigação, coisas que levariam rios de dinheiro, se fossem estranhos a fazer.

E melhor o mal feito dos rapazes do que o bem feitinho de estranhos!

O «mundo de sonho» do Rogério!

XXX

Passarinhos. Assim como em Setúbal, aqui também. É moda ver-se passarinhos aqui e ali, ao cuidado destes rapazes cheios de afeição pelos seus protegidos.

Eles dantes escorraçados e repelentes são hoje portadores de carinho e afeição.

No domingo, estávamos na nessa capela, e presenciei que havia dois coros em louvor ao mesmo Senhor: Nós dum lado, e o chilrear dos passaritos doutro. Isto é a Casa do Gaiato!

xxx

Eu vinha de passear com os meus filhos Ia no caminho que leva à nossa mata. Encontrei um grupo de quatro encostados à beira do caminho.

Sorri pra todos, e pela correspondência deles, vi que havia esturro. Inquiri do porquê ao mais pequenino do grupo, e vi lágrimas. Um dos maiores, da roda dos treze anos, contou-me o sucedido.

Vi que tínhamos tribunal ou inquérito. Este era o juíz; o das lágrimas o réu. Acarinhei mais este e vi mais lágrimas. Cheirou-me a inocente.

O juíz — chefe em treino — clama que havia testemunha do delito. Era um dos quatro presentes, o Tónio — um rapaz de côr, que veio de África.

Armei-me em advogado do réu, e pedi ao juíz que tivesse muito cuidado com a Justiça. Ele mandou o réu mais a testemunha de acusação que fossem prás suas obrigações.

Acabava eu de prégar ao chefe o valor da Justiça quando sai da mata uma chusma deles a clamarem a inocência do réu, e a dizerem que tinha sido o «Iscas».

Dei ali mesmo graças ao Senhor por mostrar o verdadeiro réu, e sair da culpa um inocente.

Ai mundo que tantas vezes amarras o inocente e deixas livre o culpado, a fazer mais crimes!

Psicologia para quê, se o amor ultrapassa todos os estudos?

A amor ao homem vale muito mais do que quantos estudos há. Anda, sai do teu mundo, e vem aprender dos pequeninos inocentes que são os rapazes da rua.

Ernesto Pinto



EIS O ENCANTO DO ERNES-TO PINTO: A SUA PROLE.

# Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA página

materiais. Também foram vários os homens a passar pelo seu semelhante prostrado à beira do caminho, ferido e sem forças, mas só um parou e o socorreu.

 $\mathbf{x} \times \mathbf{x}$ 

A persistência na luta será uma das armas utilizadas nesta guerra pacífica de pôr ao serviço dos nossos Rapazes instalações adequadas. Continuaremos a bater a muitas portas, mesmo que primem pelo silêncio ou por respostás evasivas, piores do que o simples «não». Nenhum dos passos, todavia, será inútil, pois terão, pelo menos, a grande virtude de desmascarar alguns. Queira Deus, no entanto, que as ofertas de salvação, fei-

Continua na QUARTA página



Continuação da PRIMEIRA pág.

em Moçambique não nos amoleça as asas de cabouqueiro, pois imensa é a tarefa que ali se nos apresenta, de construir uma Aldeia onde recubamos em sua casa os Rapazes por amor de quem vamos.

Ora aqui é que eu vou começar a minha lista de sugestões para que os ecos de satisfação falados atrás se objectivem e realizem em obras o amor com que contamos como certeza fundamental, colhida da experiência do carinho recebido nas nossas visitas anteriores.

E estes ecos não os desejamos apenas do Povo de Moçambique. Esperamos que os Amigos da Metrópole hão-de ter gosto e irão meter-se em brios para que não partamos de mãos vazias daquilo que é razoável que levemos como enxoval para os primeiros tempos.

Como «a Capela é o Centro», principiemos por aqui. A Capela, para já, vai ser um pequenino Altar numa dependência da Casa que a fotografia do derradeiro jornal mostra. Mas as alfaias podem e devem ser já definitivas, para servirem a Capela que háde ser na futura Aldeia. Cálice..., já alguém levan-

tou o dedo e disse: Æ comigo». Falta píxide, missal, galhetas, paramentos, toalhas de altar, castiçais, patena da comunhão... Falta tudo, a bem dizer. E acrescentamos que Pai Américo entendia, e nós não deixámos de entender, que para o Serviço do Altar quer-se sobriedade, sim, mas autenticidade — e nas nossas Capelas tudo é simples, mas digno e bom.

Vamos agora aos utensílios caseiros. Prestem atenção as Senhoras. O que não é preciso!... Lençois, toalhas, panos de cozinha, louça de cozinha, louça de mesa, talheres... Cobertores já temos. Foi da remessa da Senhora deles no Natal passado. Também precisamos de candeeiros de iluminação, pois a electricidade para a uma légua da nossa quinta e não sabemos ainda quando lá chegará.

Camas individuais também não há. São precisas 12 para os que vão, com a respectiva colchoaria. Camas de ferro, simples mas robustas. Quem as toma à sua conta? — e nós encomendamos!

Temos ainda outros utensílios indispensáveis, como sejam: máquina de costura, ferros de engomar, equipamento para uma pequenina enfermaria e posto de tratamentos. Apesar de sermos uma «desorganização organizada»

também haverá um escritório caseiro a necessitar de uma máquina de escrever. E alguém se escandalizará se falar aqui num frigorífico a petróleo ou gaz e num rádio de pilhas, visto não termos electricidade?!

Vamos agora a coisas pesadas. São os transportes. Uma boa notícia a principiar: Alguém nos dará uma carrinha. Será arma importantíssima a facilitar-nos a vida, sempre e nomeadamente nas muitas voltas dos primeiros tempos. Além da carrinha, muito geito faria uma bicicleta, com motor ou sem ele, talvez até sem ele, dado que motores nas nossas casas são fonte de muitas dores de cabeça... e subidas ali não as

Para mais tarde, quando começar a construção da Aldeia será muito conveniente uma camioneta. Mas deixemos a cada dia a sua malícia!

Mais urgente será um tractor. Vamos a ver de onde ele virá. E nem que faltem ainda muitas

coisas que ora me não ocorrem, bom é, pois a lista já vai longa e não pretende assustar ninguém! Lá como cá, há-de cumprir-se o que ensina a sabedoria do Povo: «Onde todos pagam nada é caro». E nós contamos com todos; com um bocadinho de cada um.



com o nome completo. Fomos os dois ao interior do Minho. Andámos por carreiros até ao miserável casebre onde mora o pai. Pegámos nele e fomos à Comarca. A muito rogo, por muita deferência pelo meu tempo, aquiesceram em registar naquele dia a perfilhação. Era tardinha quando voltámos. Fora a viagem, tinham ficado

### Filhos ilegítimos?

por lá uns centos de escudos. A respeito da herança... trouxemos a dor do conhecimento de como vive o pobre homem e a resolução de lhe levantarmos uma casinha pequenina, onde ele possa acabar os seus dias abrigado britando pedra da pedreira pegada que lhe dá o pão, um pão sem adubo de 20\$00 por dia.

Nem só, pois, questões de herança são objecto «de cada um daqueles institutos do direito civil em que se manifesta a qualidade de membro da família»!

Mas voltemos ao texto acima transcrito e perguntemos o significado daquele estranhos. Acaso não são irmãos os filhos do mesmo pai? Supunhamos então (por ser talvez, o caso mais frequente) que é o pai o autor da infidelidade à sua família. Os filhos que ge-

rou na ilegítimidade não estarão relacionados por ele e nele com os que gerou de sua esposa? Não corre nuns e noutros o mesmo sangue? Estranhos!... — como?

Não é a família legítima arrastada nas consequências de outros passos falsos do progenitor? Se um negócio desastroso importa a perda da fortuna, não são os filhos legítimos atingidos pelo insucesso paterno? Porque não hão-de sê-lo também se o insucesso do pai foi de ordem moral e tem como remate a divisão por mais um da fortuna familiar? Se o mau negócio traz aos herdeiros o dever de saldar as dívidas do pai, porque não hão-de saldá--las quando se não trata de dívida puramente material, mas de outra ainda mais alta?!

Esta visão da «solidez e intimidade da família», da sua defesa do perigo de «desvio de bens em que se materializavam as suas tradições e eram esteio da sua organização», obrigar-nos-ia a retroceder a idades passadas para lhe podermos ser sinópticos; não corresponde de modo algum ao clima de partilha, de compromisso do indivíduo no bem comum, mesmo com sacrifício do seu bem privado — aliás bem mais cristão — que caracteriza o nosso tempo, em que nem tudo é pior que no passado.

Se o pai pecou, a família que tenha paciência, mas cabe-lhe parte na expiação do pecado do pai. Ela não é solidária com ele só a respeito de direitos e de bens, mas também no mal,

inclusivé o moral.
Aceitamos que

Aceitamos que sofrerá sem culpa... Mas a ofensa maior que lhe foi feita — repito — foi a infidelidade do pai. O resto são corolários materiais dessa mesma infidelidade, mediante o que participa no sofrimento que cabe à parte ilegítima, a quem já basta o ferrete da ilegítimidade que traz sobre si sem culpa alguma.

# OVO de Colombo

Em o número anterior havíamos dito que mal saísse prá rua o Famoso estariam já servidos os assinantes da letra A. Graças a Deus, porém, a previsão foi muito pessimista! Ainda o Famoso estava a ser expedido e o Ovo de Colombo caminhava já entre os amigos da letra L!!

O correio, por isso, tem sido mais volumoso. Cartas, postais e vales do correio. Algumas delas recheadas de muito carinho. É o interesse dos leitores. Sim; leitor que lê, dialoga Um da Extremadura renova até seu propósito longínquo de andar prá frente com o Património dos Pobres em sua paróquia! Pede esclarecimentos. Quer saber, inclusivé, qual a situação jurídica da Obra — eminentemente paroquial. Tenho pena de não possuir a carta, pois revela como o Ovo de Colombo deita mais achas no fogo e consome corações inquietos pelos Pobres e até pela negligência e omissão dos bem instalados que mal conhecem (ou fingem desconhecer) os antros imundos onde vegetam muitos portugueses anciosos de promoção so-cial, ou tão afeitos às tábuas e lama da barraca, que no momento da ressurreição, é preciso tratá-los e ensiná-los como fazem os pais aos filhos mais pequeninos; seja nos subúrbios dos grandes centros, seja até no meio rural.

A menina dos meus olhos tem sido o **Matateu** e seus ajudantes — atarefados na colagem da capa do Ovo. No escritório é o Gordinho, Celso, Adorindo, Eusébio, Toninho, Canário, Picoto e Cobrita. Este sobretudo, pela sua indolência, consome um nadita. É há que espevitá-lo. E espevitar os outros mais pequenos e irrequietos. A confecção e expedição de um livro é serviço complexo, moroso, que exige muito trabalho. Mas a gente, apesar das imperfeições, vibra com os nossos Rapazes; com o seu trabalho. E até pela sua generosidade. Ainda agora, por exemplo, estava para aqui ocupado com a notícia e o Adorindo, olhos finos, que seriam o encanto do pai se fôsse vivo, larga a banca dos livros. Em umas das mãos era fio, na outra um pacotinho de rebuça-

- Quem tos deu?!
- Foi uns visitantes.

Abre o pacotinho e tira seis. Poucos lá ficaram!

— Um é para si. Os outros pró seus filhos.

Apeteceu-me dar uma ferradela no Adorindo; um amor de criança!

Os senhores mai-las senhoras não percam tempo. Estamos na hora! Peçam já o Ovo das férias. Façam o pedido mesmo em um simples bilhete postal. E nesta hora em que meio mundo descansa, que melhor companheiro para gerar inquietação do que o pequenino e revolucionário Ovo de Colombo?!

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE

Fiel à resolução tomada há meses, não tornei a passar de porta em porta, pelo Barredo. Tudo tenho entregue ao Pároco, para que dê semanalmente a uma família com o chefe no Sanatório, e nada falte onde tudo é preciso.

Mas uma ocasião se proporcionou. Como tivesse de ir ao Porto, acompanharam-me dois Seminaristas de Lamego, que estiveram com os nossos rapazes na praia de Azurara. Eles não conheciam e a ideia que se possa dar em palavras é sempre muito distante da realidade. Não é que o Barredo seja para mostrar, mas para esconder. Porém para que eles como futuros Padres saibam como e onde vivem os irmãos mais abandonados, parcela do rebanho da Igreja.

Entrámos só numa porta a meio da Fonte Taurina. As mesmas caras de sempre, e o lamento de não ter ali voltado. E todos a querer que entre, e veja e fale e dê. Entrámos em muitos cubículos. A miséria que é senhora desta zona, estabeleceu-se, criou raízes e não morre nem se muda. A condição certa de quem ali vive é aquela. As crianças, porque inocentes, retratam-na melhor, aumentam-na a seu modo na nudez, na sujidade, nas faces macilentas e no olhar. O olhar das crianças do Barredo! A sujidade entra a rua e sobe até lá acima e agarra-se a eles, às paredes e às pessoas. Há pouco entrei numa casa semelhante na Galeria de Paris. As mesmas divisões acanhadas sem ar e sem luz; o mesmo sistema de albergaria; mas que limpeza, a começar três andares abaixo, onde a locatária mora e dirige os serviços de cozinha para os que não podem cozinhar nos quartos. Que diferença. Afinal o espaço é o mesmo, rendas e condições de vida quase idênticas, embora pessoas lavadas, nada andra-



josas. Um mundo diferente. De quem a culpa? Quem serão os verdadeiros culpados do Barredo? Se fosse um apenas, já a justiça dos homens lhe caíra em cima, mas ele são tantos! E a maior culpa não toca a quem lá mora! Adiante.

Fomos ao senhor Francisco, que quis levantar-se para nos dar um abraço, mas as forças não chegaram. Uma senhora que lá passou a morar, arrumou tudo, pôs o dedo da mulher. O Barredo outra vez ao contrário. Aquilo que devia ser e não é. A senhora Maria Nocúna não estava. Só um gato à porta entreaberta. E fomos mais acima, num pulo pelas escadas, ao quarto de senhora Carlota. Que feliz! O senhor da Figueira continua a mandar-lhe religiosamente uma ajuda avultada, que ela não sabe como agradecer. Uma visinha inesperadamente ofereceu-lhe um lugar numa viagem a Fátima, com passagem pela Figueira. E ela não aceitou sem lhe escrever a perguntar se podia e não levava a mal. E depois lá andou a procurá-lo. «Era ele e a senhora e recebeu-me tão bem que até me apetecia beijá-lo. Só que lhe menti! Queria que comesse com ele e, com vergonha, disse que já tinha encomendado numa pensão. Olhe se eu ia comer a uma pensão...»

E ali estivemos deliciados a ouvi-la. Outra vez o Barredo ao contrário. O que podía ser e não é porque não há quem dê a mão. Se houvesse muitas famílias que tomassem o encargo dum Pobre daquelas zonas, o Barredo sem sair do lu-

gar, mudava depressa. Mas continuamos fechados. Cada um pelo seu lado a fazer a seu modo sem lhe dar que ao mesmo tempo três ou quatro concorram para um a quem sobeja, e fiquem outros à míngua. De uma instituição soubemos que negou.revelar o nome dos socorridos para orientação de quem pretende conhecer o terreno que pisa.

A assistência social, oficial e particular ali empenhada, se não dá as mãos em mútuo entendimento de princípios e distribuição de trabalho, anula irremediàvelmente a sua eficácia.

Padre José Maria

### AQUI, LISBOA!

Cont. da TERCEIRA página

tas através do barro que aqui escreve, não sejam as últimas.

Para terminar este apelo queremos pedir, se alguém souber duma camioneta em segunda mão com carga útil à volta dos 6.000 quilos e que não escalde, o favor de nos informar. Nós precisamos de acarretar os materiais adquiridos ou ofertas, pois não podemos comportar a despesa dos fretes. E quem sabe! talvez surja uma surpresa!

Padre Luis